

Calendário da Natureza

Setembro

Texto de Liana John

Setembro é tempo de recomeçar. Volta a fartura nas matas, voltam os cantos dos pássaros, os mamíferos se agitam em busca de seus pares, há uma explosão de vida na natureza. Setembro é o mês que encerra o recolhimento e a natureza se expande.

Chegam as primeiras chuvas do Centro-Sul, a que a flora responde como novos brotos, de crescimento rápido. A fauna sai das tocas, volta a circular ao sol. Rompe-se o silêncio reinante nas matas durante a estação seca, sobressaem cantos de corte, brigas territoriais, movimento.

O Sol, em seu movimento aparente nos céus brasileiros, vai cruzar a linha do Equador no dia 23. É o equinócio de primavera, quando o dia tem o mesmo número de horas que a noite. E, desse dia em diante, a escuridão vai encurtando e os dias vão ficando mais longos.

Não por acaso, as constelações visíveis nas noites de setembro do Hemisfério Sul reproduzem a festa dos bichos. Boa parte das constelações foi nomeada no Hemisfério Norte e tem seus nomes associados à simbologia grega ou às estações do ano. As estações são opostas em cada hemisfério: quando é primavera aqui, é outono lá. Mas, dependendo do ponto e da hora em que vemos as constelações, aqui no Hemisfério Sul, a simbologia acaba se mantendo.

Neste mês, imperam as constelações com nomes de animais, associadas às águas, ao renascimento. Escorpião, que domina a estação seca e tem sua imagem associada à morte, agora se põe no oeste. Águia, Golfinho e Cisne ainda estão altas a noroeste. A leste nascem Aquário, Peixes, Baleia, Tucano e a exuberante constelação de Pégaso.

Atrás do calor, nos intervalos das ventanias, a fauna sai para recuperar as energias gastas no frio. As abelhas fazem barulho em torno dos ipês amarelos (*Tabebuia ochracea*), que pontilham a mata, as capoeiras e a beira das estradas como imensos buques sem folhas.

Calendário da Natureza

Setembro

Nas matas de galeria florescem, também sem folhas, os mulungus (*Erythrina vellutina*), num vermelho-vivo cheio de insetos à procura de pólen. As abelhas ainda circulam pelas floradas de cabreúva, falsa canafistula, guajuvira, jambo, sibipiruna, suinã e tipuana.

Entre os mamíferos, os rituais de acasalamento são mais uma vez executados pelas guaxinins (*Procyon spp.*), gambás (*Didelphis spp.*), cachorros do mato (*Atelocynus microtis*), catetos (*Tayassu tajacu*), queixadas (*Tayassu pecari*) e macacos.

Muitos deles não tem épocas definidas de reprodução e podem ter ninhadas em outras épocas do ano, mas é em setembro que a maioria cede ao ritmo da natureza que se renova.

No Sul, o cisne de pescoço preto (*Cygnus melancoryphus*), que em abril se escondia porque estava na muda, agora desfila exuberante com os filhotes, nas águas da região de Graxaim, no Rio Grande do Sul. Os ninhos dos cisnes tem cerca de 30 cm de altura e ficam em juncais isolados, próximos de rios e lagoas. A fêmea põe seis ovos por vez, mas alguns acabam predados por gambás, lagartos e, claro, pelo homem, que leva os ovos para incubação artificial e depois vende os filhotes.

Setembro é também o mês de postura dos jacus (*Penelope spp.*), pássaros bastante ameaçados do interior da região Sudeste, que foram desaparecendo com o desmatamento acelerado dos estados mais desenvolvidos.

Entre as aves migratórias, o movimento também é grande. Em setembro voltam para o Sul, as aves que vieram da Antártica e da Patagônia, e vem do Norte as visitantes da primavera. O tráfego é intenso, mas há alimentos para todos, nas escalas que fazem em meio às longas jornadas.

Descem agora em direção ao Centro-Oeste brasileiro, vindas do Norte da América do Sul, as andorinhas (*Progne spp*) e tesourinhas (*Reinarda squamata*), senhoras do verão que se aproxima. Do Rio Grande do Norte e Ceará saem as últimas avoantes (*Zenaida auriculata*) e coleirinhas (*Sporophila albogularis*) e chega à caatinga a gaivota-rapineira-grande (*Catharacta skua*). Também os primeiros exemplares de falcões peregrinos (*Falco peregrinus*) começam a entrar no território nacional.

Calendário da Natureza

Setembro

No meio da festa, um penetra também se instala para garantir a reprodução. É o negro chupim (*Molothrus bonariensis*), cuja rota de migração não é bem conhecida. Neste mes ele chega aos campos de São Paulo e dos estados do Sul, para por seus ovos nos ninhos dos tico-ticos (*Zonotrichia* spp.) e do sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), empurrando para fora um dos ovos destas espécies. Os tico-ticos e sabiás assumem a criação dos filhotes de chupim, como se fossem seus filhos. Livres da responsabilidade, os chupins adultos vão invadindo currais e arrozais à procura de sementes para encher a barriga.

O comportamento do chupim, embora tachado de parasitismo, não é de todo mau. Na verdade, os chupinzinhos que nascem no lugar dos tico-ticos e sabiás "pagam" sua estadia no ninho ao eliminar os carrapatos e piolhos que infernizam a vida dos outros filhotinhos, seus "irmãos de criação".

Nos rios que desembocam no litoral, setembro é tempo de nascimento para os filhotes de robalo (*Centrocomus ensiferus* e *C. undecimalis*). Apesar de ser um peixe de água salgada, o robalo sobe os rios durante o inverno para desovar. Os filhotes recém nascidos permanecem um tempo em águas doces para melhor se protegerem dos predadores e, depois, mais crescidos e espertos, descem em direção ao mar, onde vão se alimentar de crustáceos e outros peixes.

Na beira das lagoas e represas, as chuvas trazem de volta o canto das rãs manteiga (*Leptodactylus bocillatus*) e pimenta (*L. labyrinthicus*). Os machos capricham no vocal para atrair as fêmeas e, assim que elas se aproximam, as agarram com braços fortes, pressionando o abdômem com um espinho que cresce em suas patas nesta época de acasalamento. A fêmea libera então os ovos, fertilizados externamente pelo macho.

Para completar a operação, as rãs, machos e fêmeas, selam bem a espuma que recobre os ovos, batendo com as patas. A espuma esconde os ovos de predadores como as formigas e moscas. A desova geralmente ocorre em águas calmas, onde há capins.